

O LUGAR DA POESIA DE VIOLETA BRANCA NA
PRODUÇÃO LITERÁRIA AMAZONENSE
DO SÉCULO XX

THE PLACE OF VIOLETA BRANCA'S POETRY IN
THE AMAZONIAN LITERATURE PRODUCTION THE
TWENTIETH CENTURY

Elcione Sousa da Silva Cordeiro

Universidade do Estado do Amazonas

Veronica Prudente Costa

Universidade Federal de Roraima

Cátia Monteiro Wankler

Universidade Federal de Roraima

Resumo: A literatura amazonense possui uma produção literária significativa, mas os poucos escritos científicos sobre ela mostram-na como uma literatura tímida e desconhecida. As obras de maior destaque são aquelas escritas por homens, e as mulheres, que também contribuíram para esse reconhecimento, são silenciadas e esquecidas. O presente artigo visa apresentar Violeta Branca, a primeira poeta a inaugurar a escrita literária feminina neste estado. Ela enfrentou os preconceitos, correu riscos sociais, quebrou tabus, inovou e com seus sonhos de liberdade fez história. Violeta tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Amazonense de Letras em 1937.

Palavras-chave: Violeta Branca, poesia, gênero, pioneirismo.

Abstract: Amazonian literature has a significant literary production, however the few scientific writings about present it as a shy and unknown literature. The most prominent works are those written by men, and women who also contributed to this recognition are silenced and forgotten. In this sense, this article aims to present Violeta Branca as the first poet to inaugurate female literary writing in this state. She faced prejudice, took social risks breaking taboos, brought innovation and made history on her freedom dreams. Violeta became the first woman to join the Amazonian Academy of Literature in 1937.

Keywords: Violeta Branca, poetry, gender, pioneering spirit.

Introdução

No campo da produção literária, os homens sempre assumiram uma posição de grande destaque, fato que pode ser observado no rol dos nomes que ocupam o cenário da literatura canônica, ao passo que a mulher sempre esteve à margem social, nas sombras, escondida e silenciada. Durante séculos, a mulher não pôde se expressar através da escrita, porque era vista como incapaz de produzir qualquer tipo de conhecimento quando comparada ao homem.

Zinane e Polesso (2010) acreditam que a ausência de grandes produções literárias femininas explica-se pelo fato de as mulheres não receberem incentivos para escrever, e as que escreviam não eram valorizadas, nem reconhecidas. As pesquisadoras supõem que as produções femininas podem ter sido perdidas propositalmente por terem sido escritas por mulheres. Na sociedade tradicionalmente patriarcal, sempre foi natural que fosse o homem a ditar todas as regras e a determinar “as verdades” que deveriam ser ditas, e tais verdades se disseminaram no mundo até os dias de hoje.

Virgínia Woolf na obra *Um teto todo seu* apresenta uma ampla reflexão sobre os desafios que as mulheres enfrentavam e ainda enfrentam quando se propõem a produzir literatura. Woolf (2014, p.79) destaca a maneira de pensar da maioria dos homens sobre as mulheres. Para essa maioria “nada poderia ser es-

perado das mulheres do ponto de vista intelectual”. A mulher que desejasse exercer a arte precisaria lidar com frases de desencorajamento, de incapacidade e de repreensão. Eram afirmações irônicas e preconceituosas que permeavam o mundo das mulheres que sonhavam escrever. E, apesar de haver passado muito tempo, é contra tais opiniões e posturas hegemônicas que as mulheres ainda lutam diariamente para conquistar seu espaço mesmo na contemporaneidade.

A reflexão de Woolf (2014) nos permite questionar se os homens desprezavam as mulheres e não as incentivavam na produção da arte porque elas sempre foram fontes de inspiração para as suas obras artísticas. Entretanto, segundo a autora, é uma ironia o fato de a mulher ser fonte de inspiração para a autoria masculina e, ao mesmo tempo, não ter a “capacidade” de produzir uma literatura excepcional e própria, isto é, escrita de próprio punho. Ainda de acordo com Woolf (2014, p.63), “é um enigma perene a razão pela qual nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma canção ou de um soneto”.

Para ela, a mulher está presente em muitas páginas da poesia e da ficção literária pelo mundo, em obras produzidas por homens. A mulher é fonte de inspiração, idealizada, e na vida real é submissa às regras da sociedade hegemônica que a oprime. Na ficção e na poesia, palavras inspiradoras e pensamentos

profundos foram proferidos de seus lábios, mas não ditas por elas. Portanto, tudo que é dito por elas no contexto da autoria masculina não reflete os pensamentos e posicionamentos de uma mulher, pois está sendo escrito por um outro, que não ela.

Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?* expõe que os subalternos não podem falar, e, mesmo que falem, não serão ouvidos. E a mulher, entre todos os que ela considera subalternos, é a mais afetada. Além de não poder falar, a dominação masculina está impregnada sobre ela na raiz cultural das sociedades. Neste entendimento, a autora chama atenção para a questão da representação. Apesar do texto de Spivak não se tratar especificamente da produção literária feminina, pode fundamentar essa questão de a mulher subalterna ser apresentada por outro, o homem. Quando escrevem literatura, elas são as personagens, e são eles que falam por elas. É uma literatura produzida a partir do olhar do dominador, do outro. Segundo Spivak, falar no lugar do outro não é representatividade legítima. A legitimidade das palavras de um subalterno só será genuína quando for dita por ele próprio.

Por que não há registro de grandes obras literárias produzidas por mulheres? A resposta para desvendar este enigma se concentra no fato de as mulheres viverem em uma sociedade dominada por um pensamento androcêntrico, em que a mulher se situa à margem. Neste sentido, Bourdieu (2002) destaca:

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p.15)

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina*, define essa dominação como violência simbólica. Para ele, a maneira como esse domínio é exercido pelos homens sobre as mulheres se configura como uma violência silenciosa, invisível e até mesmo “aceitável” pela maioria das mulheres, que são as maiores vítimas, por isso simbólica. Ela não machuca o corpo, mas fere a alma. As mulheres não percebem porque são atitudes e conhecimentos adquiridos culturalmente, repassados por gerações através da construção social dos papéis de gênero. Desde muito cedo, ensinaram-lhes que o homem é quem exerce o domínio sobre elas. E a dominação masculina, segundo o autor, é incorporada em nós de forma inconsciente, por isso repetimos atos que se configuram como violência simbólica de forma natural.

Ser escritora nesse contexto era tornar-se uma pessoa fora de qualquer padrão social de sua época, e mais que isso, poderia ser a destruição de sua reputação social. Neste sentido, Woolf (2014) enfatiza

que a mulher que nasceu com o dom de produzir literatura naquele século era infeliz, lutando contra si mesma, considerando que todas as suas condições de vida eram desfavoráveis para a libertação de seus mais profundos e intensos pensamentos, e que, por conveniência social, deveriam permanecer em silêncio para o seu próprio bem. Mas também afirma que, se a mulher cultivar a liberdade e a coragem para escrever o que ela pensa e se fugir de todas as condições que lhes são impostas, terá uma visão diferenciada do mundo, modificando a sua realidade. Mas também considera que para a mulher produzir literatura “precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção ...”.

Diante do exposto, podemos inferir que são esses alguns dos motivos pelos quais a leitura e a escrita foram comprovadamente, durante séculos, práticas impensadas para as mulheres. E, por isso, a produção literária masculina se sobressai.

1 Violeta Branca: o pioneirismo da autoria literária feminina amazonense na metade do século XX

Com a literatura amazonense também não é diferente: nomes como Thiago de Melo, Milton Hatoum, Márcio Souza, dentre outros, são destacados como autores reconhecidíssimos pela literatura que produ-

zem. O valor destes homens e da arte que produzem é inegável, mas a ausência de destaques de nomes femininos no campo da literatura amazonense demonstra, mais uma vez, o lugar que a mulher ocupa nessa sociedade machista. Apesar da falta de projeção de escritoras do Amazonas, elas existem. Podemos destacar Ílcia Cardoso, Regina Melo, Ana Célia Ossame, Vera do Val, Carmen Novoa, Fátima Lira e Astrid Cabral como alguns dos nomes de mulheres que representam a literatura amazonense, e que, mesmo de forma tímida, sem publicações de renome e quase esquecidas, contribuíram para o crescimento da produção literária feminina em nosso estado. Mas é Violeta Branca, também escritora amazonense, que enfatizaremos neste estudo destacando a sua vida e obra, bem como a sua importância para a literatura local.

A imprensa foi quem primeiro abriu as portas para a inserção da mulher no mundo da escrita amazonense e nesta participação discreta, nos jornais impressos da época que as mulheres iniciaram suas primeiras produções escritas através de vários gêneros literários. E Violeta Branca, aparece nesses registros históricos como uma das mulheres que figuravam no contexto da imprensa local, segundo Campos (2010, p,161) Violeta Branca foi importante colaboradora da revista *O Rionegrino* e suas primeiras publicações de poemas iniciaram quando ela tinha apenas 14 (quatorze) anos de idade. A autora salienta que, apesar de ser uma adolescente, os poemas de Violeta Branca

eram considerados precisos e adultos sobre os temas que escrevia.

O campo da Literatura, na metade do século XX, ainda era de domínio absolutamente masculino. Além de tímida, a produção literária local produzida pelos autores dessa época, Segundo Silva (2016, p.18), se mostravam totalmente alheias “em relação à realidade local”, pois escassos eram os escritos sobre “a vida do homem amazônico e o ambiente que o cercava”. Krüger (2011) situa o leitor nesse contexto temporal amazônico e afirma que Violeta Branca surge no cenário literário local no período em que o ciclo da borracha deixara um profundo vazio depois de todo o auge que esse ciclo proporcionou a Manaus.

Violeta Branca Menescal de Vasconcellos nasceu no dia 15 de setembro de 1912 na cidade de Manaus, no estado do Amazonas. Filha do General José Menescal de Vasconcellos, natural do Ceará e Tharcília Herminna Menescal de Vasconcellos, amazonense. Seu único irmão, Azarias Menescal de Vasconcellos, foi um importante desembargador amazonense e sua notoriedade rendeu-lhe homenagens quando um dos fóruns de Manaus recebeu o seu nome: Fórum Desembargador Azarias Menescal de Vasconcellos. E de acordo com Diniz (2002) podemos afirmar que Violeta Branca pertencia a uma família ilustre e influente da elite manauara daquela época.

Violeta Branca também causou admiração pela idade que tinha quando lançou o seu primeiro livro.

Genésio Braga (1982) confirma que a poesia de Violeta Branca surgiu “na plenitude de sua adolescência”. Ele a descreve como uma moça amazonense, adolescente, delicada e dona de uma beleza encantadora. Foi nesse contexto, entre a adolescência e a juventude, em 1935, que ela publicou o seu primeiro livro de poesia, intitulado *Ritmos de Inquieta Alegria* aos 23 anos de idade.

Ritmos de Inquieta Alegria insere Violeta Branca na história literária do Amazonas como a primeira mulher a publicar um livro, inaugurando a tradição de autoria feminina. Braga (1982) destaca que seus versos demonstravam tormento físico, inspiração, ideais poéticos, características próprias de uma verdadeira estrela. Mesmo sendo jovem, demonstrou maturidade, revelou seus sentimentos, até mesmo os mais íntimos, através de seus versos. E quanto ao seu pioneirismo feminino, Krüger (2011) confirma esse pioneirismo e destaca que, mesmo depois de setenta anos de seu lançamento, o conteúdo ainda surpreende pela poesia que transmite. Sua reflexão se dá a partir da realidade em que vivemos: falar em sexualidade hoje se tornou algo comum, e, para muitos, chega a ser banal e vulgar. Para o autor, vivemos em uma época em que a sexualidade se tornou trivial, mas, mesmo assim, o erotismo, o lirismo tenso e angustiante dos versos de Violeta Branca são capazes de provocar as mesmas sensações e mistérios de outrora no leitor contemporâneo. Farias (2018, p. 13) ressalta que tal

obra, além de evidenciar o pioneirismo da autoria literária amazonense, também se destaca por ter sido “a primeira obra inteiramente concebida e realizada no Amazonas”.

Por causa de todo sucesso que os versos de Violeta Branca alcançaram, dois anos depois, no dia 15 de setembro, em 1937, tornou-se membra da Academia Amazonense de Letras, aos 25 anos de idade assumindo a cadeira de número 28, do Patrono Aníbal Teófilo. De acordo com Farias (2018), Violeta Branca foi recebida na academia sem preconceito, apesar do pensamento machista ainda ser predominante naquela década. Este evento nos permite afirmar sobre autoria literária feminina que Violeta Branca antecede Rachel de Queiroz, eleita para a Academia Brasileira de Letras em 4 de agosto de 1977, tornando-se a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Genésio Braga (1982, p.6) destaca que quando Violeta “produziu e publicou seus primeiros versos” era uma época em que era pecado ousar, e ela ousou. Ela ousou renovar, antes de ser moda renovar”. Ela ousou quando a maioria das moças de sua época e com sua idade já estavam casadas, como bem lembrou Sideny Paula (2014, p.84) que “naquela sociedade o principal papel da mulher era casar-se, gerar filhos e cuidar do marido e da casa”.

Entretanto, apesar de todo o talento dessa poeta, o fato de sua família ter posses e prestígio social con-

tribuiu para a publicação de sua obra poética. Pois a classe social também dizia e ainda diz muito a respeito de qualquer pessoa, conforme Woolf (2014) afirma que para a mulher produzir literatura fazia-se necessário ter dinheiro e “um teto todo seu”. E, sem nenhuma pretensão de desmerecer Violeta Branca por sua história e por tudo que ela representa para a Literatura feminina do Amazonas, podemos inferir que o fato de pertencer a uma família de posses e influente da elite manauara contribuiu de forma positiva, abrindo oportunidades para sua publicação e ascensão no mundo literário da década de 1930.

Violeta Branca obteve uma considerável receptividade no meio intelectual amazonense, estendendo-se a outros lugares, inclusive no Rio de Janeiro, capital do Brasil no século XX e com isso seus poemas chegaram a “ocupar espaços nobres dos jornais e revistas de Manaus como a *Revista A Selva*, de Clóvis Barbosa, *A Revista Cabocla*, o *Jornal A tarde* e de alguns dos mais conceituados da capital da República”.

Então, Violeta Branca se casa com o advogado João Gomes de Oliveira e passou a se chamar Violeta Branca Menescal Vasconcellos de Oliveira. Depois de seu casamento, passou a residir em definitivo à cidade do Rio de Janeiro. Agora casada, precisava desempenhar outros papéis femininos. Entretanto, apesar de suas novas responsabilidades não ficou longe das atividades das letras.

Depois de enfrentar um glaucoma que lhe afetara a visão, Violeta fica viúva. E no dia 07 de outubro de 2000 ela faleceu aos seus 88 anos de idade no Rio de Janeiro, lugar onde também está sepultada. O falecimento de Violeta Branca mobilizou os meios de comunicação, principalmente os jornais impressos. A sua partida deixou seus familiares, admiradores, amigos, principalmente os amigos escritores e acadêmicos, com o sentimento de vazio na esfera intelectual e artística, pois mesmo não residindo em Manaus, ela figura entre as mulheres intelectuais de grande destaque social da história do Amazonas.

Por ocasião da morte de Violeta, em entrevista ao *Jornal Amazonas em Tempo*, Silva (2010) afirma que sua ausência gera muitos prejuízos para a produção cultural amazonense. Violeta não representava apenas o pioneirismo feminino, mas também era “o testemunho e o exercício de um momento de transição na literatura praticada na região”. Ainda sobre as homenagens póstumas, em 2010 foram realizados outros eventos importantes com uma *Quarta literária* no Espaço Cultural Valer com palestras de Tenório Telles, Carmen Novoa e recital. Além disso, alguns dos Jornais locais, sites, blogs e revistas eletrônicas fizeram publicações de lembranças e homenagens à poeta .

A poeta Violeta Branca não apresentou uma quantidade numerosa de produções escritas. Pelo contrário, toda a sua expressão poética literária se resume

em três títulos: *Ritmos de Inquieta Alegria*(1935), *Concerto a quatro mãos*(1981) publicado em parceria com o escritor pernambucano Andrade Bello, *Reencontro Poemas de ontem e de hoje*(1982). Entretanto, a qualidade de sua produção escrita não está na quantidade, mas na qualidade de seus escritos.

2 Violeta Branca e sua produção literária

O contexto histórico em que Violeta Branca escreveu seus primeiros poemas nos confirma que o gênero feminino era estigmatizado e impregnado de toda carga cultural e ideológica a que as mulheres sempre foram submetidas. Além disto, os estudos sobre gênero ainda não haviam ganhado força no Brasil em 1935. E, embora nossa poeta se mostre uma mulher ousada para a sua época, ao mesmo tempo vemos uma mulher que não abandona totalmente os costumes e as regras que eram impostas às mulheres neste período.

Sobre a sua identidade poética, Bauman (2005) destaca que tradicionalmente se compreendia *Identidade* como algo herdado pelo indivíduo a partir da raça, do seu país de origem, de sua família. Para ele, a identidade surge no indivíduo como um sentimento de pertencimento. E, apesar da poesia produzida por Violeta nessas décadas não ser uma poesia de luta contra a desigualdade de gênero, nem de autoafir-

mação social de sua identidade feminina, apresenta um eu lírico repleto do sentimento de pertencimento, além de uma mulher despreocupada com as convenções sociais de sua época. Violeta Branca nos apresenta em seus textos uma voz feminina forte e segura de suas convicções, capaz de produzir uma poesia ímpar, como podemos observar no poema abaixo.

Símbolo

É porque nasci no Amazonas
que tenho a alegria das cachoeiras,
a minha voz
o ritmo das águas rolando sobre pedras,
e os meus olhos são dois muiiraquitãs,
com a fosforescência dos olhos das onças...
[...] E é porque eu sou um poema humano
escrito com a água dos rios
e o sumo dos frutos silvestres
que a tua sensibilidade de homem do sul,
acostumado a lutar com o oceano,
encontrou em mim um motivo novo,
uma festa inédita
na luminosidade da tua vida ... (BRANCA, 2014, p. 48)

Estes versos confirmam essa identidade e evidenciam o regionalismo geográfico, destacando não apenas seu estado de origem, mas também aspectos naturais, mitológicos, culturais que a identificam como uma amazonense nata, privilegiada em morar em uma região tão nobre do Brasil. O eu poético, nos primeiros versos, mostra-se convicto e feliz por sua origem amazonense ao enfatizar seu local de nasci-

mento, o Amazonas. A voz poética assume uma postura segura de seu valor, na certeza de quem é.

Ribeiro (2000, p. 85) destaca que “todas as pessoas possuem um lugar de fala, pois estamos falando de localização social”. Diante deste entendimento, podemos afirmar que o lugar de fala de Violeta Branca a partir de sua poesia é de alguém neutro, que não se posiciona contra ou a favor das condições sociais a que as mulheres eram submetidas em seu tempo. Apesar de ter inaugurado a participação feminina na poesia amazonense, a sua poesia não possui um caráter feminista que chame a atenção para a luta pela igualdade de gênero, de classe ou de raça. E, apesar de toda a liberdade poética expressa em suas poesias, o que há de mais ousado são alguns temas considerados inapropriados para uma mulher de sua época.

Sobra a imaginação, Bachelard (1994) confirma que sonhar é um direito do ser humano. Por isso devemos nos apropriar desse direito e usufruirmos da maneira que desejarmos, sem culpa e sem medo. A poesia é um campo repleto de imaginação, de representatividade envolvida pelo mundo dos sonhos e devaneios. Os poetas, diante de seu papel em branco, como lembra Bachelard (1994), se permitem registrar os mais ocultos devaneios que sonham a alma humana. E o imaginário, o sonho, o devaneio também são evidentes dentro da poesia de Violeta Branca. A produção literária de Violeta Branca possui um imaginário plural tornando-se imprudente delimitar.

O seu imaginário poético traz o cenário amazônico, o telurismo, o silêncio, a noite, as riquezas naturais, culturais, mitológicas, como subsídios para que os seus sonhos e devaneios sejam representados em sua construção poética literária.

A poética lírica amorosa em Violeta Branca é outro aspecto deste estudo, ela nos apresenta o seu maior encantamento, o mar, e o amor personificado na figura de um marinheiro, que surge desde os seus sonhos de infância e que ocupa o coração e os pensamentos do eu poético. A voz poética evidencia o despontar de sua sexualidade, a transição das fases de sua vida, até se tornar uma mulher. Entretanto, ao abordar essa transição, observamos como Violeta Branca quebrou “certos tabus”, abordando temáticas como a sensualidade, o desejo e até mesmo o ato sexual, fato que podemos perceber no poema abaixo.

Poemas de tuas mãos
As tuas mãos nervosas, quentes, largas,
arpejam nos meus sentidos
a música ideal da emoção.
Para os teus dedos criadores,
sou o piano mágico vibrando
ao influxo de tua ardente inquietação.
Tuas mãos frementes
arrancam angústias sonorizadas
de meus nervos,
que se retesam como cordas harmoniosas.
Tuas mãos imperiosas,
tuas mãos rebeldes,
cantam silenciosas aleluias de gestos,
quando compõe poemas de volúpia,

gritos incontidos de alegria pagã,
correndo ligeiras, leves, torturantes,
no teclado branco do meu corpo... (BRANCA, 2014,
p.58)

“Poemas de tuas mãos” apresenta a sensualidade vivenciada por uma mulher muito à frente de seu tempo. Observa-se a excitação do eu poético quando é tocada pelo outro. O momento é descrito de forma intensa, como se houvesse uma música ao fundo. Os amantes estão envolvidos em uma música e são transportados para outro lugar pela emoção do momento. Ela é o piano e ele o pianista. O mundo e as angústias ao seu redor desaparecem quando alcança o ápice do ato sexual. E, por mais que tente resistir ao toque das mãos do amado, não consegue. Entrega-se ao prazer e vivencia o fascínio que o momento oferece.

Assim, o eu poético, em uma linguagem figurada, sentimental e sensual apresenta uma poesia lírico-amorosa, que retrata a vida, o fato de viver, o ato de amar numa época em que sexualidade era considerada um tabu e vulgar e segundo Perrot (2019) a sexualidade não possuía igual valor entre homens e mulheres. Para as mulheres, o sexo, o prazer sexual era negado, estabelecendo o prazer feminino como “pecado”, transgressão.

Sobre a lírica amorosa de Violeta Branca, podemos afirmar, segundo Krüger (2011), que “Violeta criou excepcionais momentos líricos”. E assim percebemos uma jovem mulher que amou, viveu, sofreu, chorou,

mas se posicionou de maneira resiliente diante das adversidades da vida. Sobre o tal marujo, não sabemos se de fato existiu, mas permanece a certeza de que Violeta viveu esse amor tão intensamente que independente de realidade ou ficção, leva os seus leitores a acreditar que de fato esse amor foi real.

Concerto a quatro mãos e *Reencontro* são obras produzidas na maturidade da poeta. Para além da diferença dos anos de suas publicações, podemos perceber entre elas certa semelhança nas temáticas, com a adição de outras abordagens que são próprias de uma mulher que atingiu a sua maturidade na vida, o que refletiu em sua poética. Tais afirmativas podem ser observadas no poema abaixo:

Fim de um tempo
Como o sol derrete a neve,
a vida dissolve em mim
um amor que não foi breve,
pois foi além de aconchego,
carinho, casa, jardim,
mesa posta, muito apego,
conversa baixa e um pelego
para dormir ao relento
vendo as estrelas e o lento
caminhar de um tempo bom. (BRANCA, 1981, s.p.)

O poema “Fim de um tempo” traz a reflexão sobre um percurso de vida. Na comparação estabelecida nos dois primeiros versos “Como o sol derrete a neve/A vida dissolve em mim”, percebemos que o eu poético fala do ato de seu próprio envelhecimen-

to. Durante a sua vida, viveu um amor duradouro a ponto de se sentir confortável ao seu lado. Além disso, confia uma vida familiar cercada de carinho, amor e cumplicidade, fato que constatamos nos versos “Pois foi além de aconchego/carinho, casa, jardim /mesa posta, muito apego”. Recorda que a sua vida e a sua casa lhe proporcionaram momentos de sonhos e realizações, a que denomina “tempo bom”. As memórias, nesse breve poema, nos sugerem que, apesar de todos os obstáculos vivenciados em sua trajetória de vida, foi feliz à sua própria maneira. Sonhou com o mar, conheceu o amor e cantou a natureza, em seus versos também canta a realidade, a brevidade e o final da vida para todos.

Assim, destacamos que a mensagem da poesia de Violeta Branca foi eternizada em seus escritos, marcada por suas lutas, por sua mensagem de amor para todos que a quiserem conhecer. O tempo não permitirá que essa mensagem seja silenciada, pois, para Bosi (2000, p. 141), “Na poesia cumpre-se o presente sem margens do tempo, tal como sentia Santo Agostinho: presente do passado, presente do futuro e presente do presente. A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo, que ele invoca, evoca, provoca”. Por todos os motivos expostos, acreditamos que a produção escrita de *Concerto a quatro mãos* e *Reencontro: poemas de ontem e de hoje* são consideradas criações literárias produzidas na fase de maturidade da poeta.

4 Considerações Finais

Apesar de seu silenciamento durante anos e até de seu esquecimento por muitos no século XXI, Violeta Branca permanece. Como diz Virginia Woolf (2014, p. 158), “[...] os grandes poetas nunca morrem; são presenças duradouras, precisam apenas de uma oportunidade para andar entre nós em carne e osso”. Woolf destaca a presença eterna dos poetas. E mesmo com o passar do tempo e o surgimento de outros nomes, sua presença será permanente.

Evidenciar a vida e as obras da poeta Violeta Branca é uma maneira justa de reconhecer a sua importância para a literatura amazonense. O que se configura também como forma de manter viva a memória e a identidade desta mulher, destacando a riqueza de nossa cultura e de nossa gente. Diante disso, Jolene Paula (2016) afirma que, ao se pesquisar a literatura feminina amazonense e não destacar nossa poeta, apenas baseando-se em sua produção literária, é algo inadmissível. Visto que o seu valor não reside apenas nos registros de suas obras, mas na possibilidade que ela proporcionou para que outras mulheres pudessem publicar, trazendo outras concepções, a partir de outros olhares femininos dentro da literatura desse estado.

Segundo Souza (2010, p. 13), “embora o Brasil se orgulhe de ter ‘absorvido’ a Amazônia, não aniquilou suas peculiaridades. Continua havendo uma cozinha,

uma literatura, uma música da Amazônia”. Em outras palavras, nossa cultura, nossa Literatura e nossas artes ainda têm muito que se descobrir e a oferecer. É uma região de inúmeras peculiaridades, inesgotáveis, que podem resultar em muitas análises e reflexões. A poesia dessa autora enfrentou a realidade de seu tempo, rompeu as barreiras sociais, culturais e surgiu de maneira tímida, mas notável. Com uma trajetória enfática, Violeta Branca escreveu sua própria história e permanece eternizada. E, embora esquecida por muitos, é uma importante personalidade da literatura feminina amazonense.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Trad. José Américo Costa Pessanha. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, Genésio. *Palavras o caminho do reencontro*. In: BRANCA, Violeta. *Reencontro: poemas de ontem e de hoje*. Manaus: s.d., 1982.
- BRANCA, Violeta. *Ritmos de Inquieta alegria*. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2014.
- BRANCA, Violeta. *Reencontro: poemas de ontem e de hoje*. Manaus: s.d, 1982.
- BRANCA, Violeta; BELLO, Andrade. *Concerto a quatro mãos*. Rio de Janeiro: Editora Arte Moderna LTDA, 1981
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus (19890-1940)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Dezembro de 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3742/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Luciane.pdf>. Acessado em 03 nov. 2019.
- CORDEIRO, Elcione Sousa da Silva. *O lugar da poesia de Violeta Branca na produção literária amazonense do século XX*. / Elcione Sousa da Silva Cordeiro. – Tefé, AM: UEA, 2021. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/45-14.pdf>
- DINIZ, Almir. *Acadêmicos: Imortais do Amazonas; Dicionário Biográfico*. Manaus: Editora Uirapuru, 2002.

FARIAS, Elson. A poesia na paisagem. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, ano 100, n. 37, 2018. Issn 2236-9643 268p. *Revista da Academia Amazonense de Letras. Online*. Disponível em: <https://academiaamazonense-deletras.com/pdf/revistas/REVISTA%20AAL%20N%2037.pdf>. Acessado em: 04 mar.2020.

KRÜGER, Marcos Frederico. *A sensibilidade dos punhais*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2011.

PAULA, Jolene da Silva. *A poesia no Amazonas - autoria feminina: voz e silenciamento*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6266/5/Dissertacao-Jolene.S.P.Cunha.pdf>. Acessado em 10/09/2018.

PAULA, Sideny Pereira de. A poesia amazonense de Violeta Branca e seus anseios por mares nunca dantes navegados. *Revista Decifrar: Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM*, Manaus, v. 2, n. 03, Jan/Jun-2014. (ISSN 2318-2229). Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1039>. Acessado em 18/04/2019.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Coleção Logos).

SILVA, Alberto Souza. *Quando Meu Barco Emergir do Profundo Lago do Desconhecido: Literatura e Sociedade na obra de Benjamin Sanches*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. *Online*. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6125/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Alberto%20S.%20Silva.pdf Acessado em: 03 set. 2019.

SILVA, Carmen Novoa. *Violeta Branca (O pioneirismo de vanguarda)*. Manaus: Ampla 2010.

SOUZA, Marcio. *A expressão amazonense-do colonialismo ao neocolonialismo*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa; Glauco Mitoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natália Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. *MÉTIS: história & cultura*, v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/998/1054>. Acesso em: 19/03/2020.